



PSICANÁLISE

André Green

Por que as pulsões
de destruição ou de
morte?

Blucher

POR QUE AS PULSÕES
DE DESTRUIÇÃO OU
DE MORTE?

André Green

Tradução
Vanise Dresch

Título original: *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?*

Por que as pulsões de destruição ou de morte?

Todos os direitos reservados. Tradução autorizada da edição de língua francesa publicada pela editora Ithaque

© 2010 André Green

© 2010 Les Éditions d'Ithaque

© 2022 Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Angela das Neves

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Henri Rousseau (1844-1910), *La Guerre*, 1894,

Huile sur toile, 114 x 195 cm, Paris, Musée d'Orsay, RF 1946 1,

© Musée d'Orsay, dist. RMN-Grand Palais / Patrice Schmidt

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Green, André

Por que as pulsões de destruição ou de morte? / André Green ; tradução de Vanise Pereira Dresch. – 1. ed. – São Paulo : Blucher, 2022.

170 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-082-9 (impresso)

ISBN 978-65-5506-077-5 (eletrônico)

1. Morte – Aspectos psicológicos. 2. Suicídio.

I. Título. II. Dresch, Vanise Pereira.

22-0720

CDD 155.937

Índice para catálogo sistemático:

1. Morte – Aspectos psicológicos

Conteúdo

Prefácio	
André Green: pensar a destrutividade, recriar em psicanálise – <i>Fernando Urribarri</i>	11
Preâmbulo	23
1. Fundações	27
Hipóteses sobre a gênese da pulsão de morte	27
Da compulsão (coerção) à repetição à reprodução originária	35
A montagem escamoteável do narcisismo	46
A falsa simetria do sadomasoquismo	57
Refundações, avanços, transposições	60
Conclusão	67
2. A onda de choque da pulsão de morte: Ferenczi, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Lacan... E acerca de algumas estruturas clínicas	73

Ferenczi e a análise mútua	73
Melanie Klein e a destrutividade generalizada	81
W. R. Bion – Retorno ao pensamento	90
D. W. Winnicott – O par indivíduo-ambiente	94
Algumas contribuições francesas – De Lacan a Balier	98
A psicossomática de Pierre Marty	102
Desajuste da autoconservação	107
Unidade e diversidade das depressões	111
Suicídio(s): patologia e normalidade	114
Breves considerações sobre a clínica	119
3. A pulsão de morte no campo social:	
O mal-estar na civilização	123
A pulsão de morte na cultura	123
O Parricídio originário	133
Recentes discussões acerca do processo cultural	137
A pulsão de morte e a linguagem: Laurence Kahn	141
Anexo: Retorno à biologia	149
Apoptose, morte natural autoprogramada	149
Atualização em forma de despedida	155
Conclusão provisória	161
Referências	163

1. Fundações

Hipóteses sobre a gênese da pulsão de morte

Não hesitemos em encarar a metapsicologia mais especulativa de Freud, aquela que, às vezes, nos irrita, por parecer tão pouco disposta a deixar o céu das ideias, ao mesmo tempo que legisla sobre problemas que afetam profundamente nossa prática, por exemplo, quando ela se alça no estudo de noções tão gerais e fundamentais como a vida e o amor, a destrutividade e a morte.

Na teorização mais tardia dessas questões, Freud revela sua última hipótese, tendo de lidar com o mistério da compulsão à repetição. A compulsão à repetição e o além do princípio de prazer são referidos a uma nova e inesperada explicação: a da pulsão como restauração de um estado anterior. Mas uma hipótese de tamanha envergadura deve ser avaliada pela medida de seus resultados. Para validar uma ideia como essa, é preciso combiná-la com uma teoria das origens que é sua precondição. É aqui que Freud encontra-se em dificuldade. Até então, a pulsão servia de caução para o originário, principalmente quando sua finalidade

primitiva era o prazer, quando a teoria, ao mesmo tempo que admitia a existência de conflitos pulsionais fundamentais, só os concebia no âmbito *ainda não definido* das pulsões de vida, cuja caracterização e definição ainda estavam por vir. Não é legítimo, portanto, dizer que as pulsões de vida já existiam, e, além disso, é preciso destacar que nada do que seria atribuído ao âmbito da morte previa ou dispunha de um suporte pulsional – ainda não concebido. Tampouco nada podia, nem mesmo hipoteticamente, inserir-se no campo das pulsões de vida, uma vez que esse conceito ainda não existia. Todas as manifestações relativas à agressividade continuavam a fazer parte das vicissitudes internas da libido sexual, tese que Adler já havia sustentado, a seu modo, nos primórdios da psicanálise, e que Freud não aceitava, pelo menos não dessa forma. A morte era, em suma, apenas o esgotamento do potencial da vida, portanto, da libido, como, aliás, continuam pensando muitos analistas contemporâneos.

A hipótese da pulsão de morte abalou tudo isso. Se o retorno ao estado anterior à vida passava a ser a meta principal de toda pulsão, faltava explicar o que poderia constituir o estado anterior, último ou primeiro.

Como sempre, em Freud, a introdução de um novo conceito implica o equilíbrio do todo e exige uma conceituação diferente daquela que prevalecia até então. Nenhuma tentativa de compreender o alcance da pulsão de morte pode prescindir de uma reflexão atenta sobre o agrupamento oposto, que deu origem a outras ideias em substituição a concepções anteriores até então solidamente estabelecidas, embora acréscimos posteriores pudessem modificar seu significado. É o caso da fase teórica que opõe a libido narcísica à libido de objeto, que, a meu ver, merece ser chamada de segunda teoria das pulsões, deixando para os conceitos de 1920 a denominação de terceira e última teoria das pulsões.

Mas o destino quis diferente, vindo na etapa de 1913-1914 apenas uma peripécia que desviou o juízo de Freud, como ele mesmo confessou. Ele se censurou, nessa ocasião, por ter sido influenciado inconscientemente e, até mesmo, involuntariamente por seu discípulo Carl Jung, que depois se tornaria seu adversário. Conventiou-se atribuir a denominação de segunda e última teoria das pulsões unicamente às ideias enunciadas em 1920. Resta entender, contudo, de que modo a reformulação de 1914 pavimentou o caminho para a revolução de 1920.

Uma originalidade da concepção de 1920 está no fato de apresentar-se sob um duplo aspecto sincrônico e diacrônico. De um lado, como as concepções anteriores, ela oferece uma nova imagem sincrônica da constituição do psiquismo. É isso que leva Freud a argumentar que a pulsão de vida e a pulsão de morte coexistem desde o nascimento. Mas, paralelamente, e talvez acima disso, a justificativa da pulsão de morte tem de ser vinculada a uma perspectiva *filogenética*, logo diacrônica, que, para tanto, não hesita em remontar, em teoria, às origens da vida.

Nessa última teoria das pulsões, esse ponto de vista não é expresso de forma isolada, contrariamente às afirmações anteriores. Essa era a surpresa que encontrariam os leitores de *Além do princípio de prazer*. Eles não suspeitavam de que, dessa vez, o questionamento do princípio de prazer seria acompanhado por uma reflexão sobre as origens da vida para dar conta das diversas organizações do psiquismo. Essa posição vai ao encontro, talvez, de algumas afirmações do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), mas não tinha precedentes em sua obra publicada.¹ Admito que fiquei irritado, muitas vezes, com essa especulação de 1920, não

1 Lembremos que o *Projeto para uma psicologia científica* foi publicado somente após a descoberta tardia de seu manuscrito, e isso apesar da discordância de Freud.

querendo aceitá-la como uma espécie de exercício lúdico, uma divagação mental que deseja conceder-se alguma licença imaginativa no âmago de um pensamento frequentemente árido. Porém, mesmo as especulações mais ousadas de Freud, para não dizer as mais injustificadas, são acompanhadas de uma reflexão que faz o analista voltar a problemas que lhe são, contudo, familiares.

Ocorre que a perspectiva sincrônica não perde totalmente sua legitimidade. Uma prova disso são as denominações sinonímicas que Freud propõe como corolários de sua invenção: pulsões de *vida* – pulsões de *morte* – pulsões de *amor* – pulsões de *destruição* (ou de *agressão*), todas as quais podem ser subsumidas em um par mais teórico-clínico que especulativo: ligação-desligamento. Decerto, cada formulação diferente pode comportar nuances que Freud esclarece. Tal hábito não é totalmente novo. Como alegar, de fato, que a distinção entre libido narcísica e libido de objeto não tem nenhuma relação com as novas ideias? Teríamos esquecido que, antes de teorizar o narcisismo, Freud já havia designado, desde muito cedo, as “neuroses narcísicas”, que, à época, englobavam as psicoses em geral? Posteriormente, ele reservaria essa denominação à psicose maníaco-depressiva, enquanto as antigas “neuroses narcísicas” seriam chamadas de psicoses, com a destrutividade que comportam servindo, a partir de então, para caracterizá-las.

A prova de que as novas posições são acompanhadas de uma finalidade reintegradora pode ser percebida entre as especulações freudianas mais abstratas. É o caso do retorno à antiga problemática do sadismo, que continha mais ambiguidades do que Freud havia suposto anteriormente. Pensamos menos em Adler do que na trajetória interna do pensamento de Freud, dominado, em um primeiro momento, pela única libido e incluindo a regressão sádico-anal. Agora, ele se prepara para formular uma nova dialética que relaciona a morte (destruição, sadismo) com a libido (narcísica

primeiro, depois, objetal). Freud afirma, em 1920, sempre ter admitido um componente sádico da pulsão sexual. Todavia, ele agora considera, para além da possibilidade de que este componente sádico se constitua em perversão, que ele se desvincule mais ou menos dessa liga (desintração-reintração). Há, portanto, desligamento possível, mas não é isso que Freud quer mostrar, e sim como o sadismo pode progressivamente ser relegado a um lugar secundário. Ele aventa, então, a hipótese da rejeição do sadismo sob a influência da pulsão narcísica: “Não cabe supor que esse sadismo é, na verdade, uma pulsão de morte que foi repelida do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto?”² (Freud, 1920, p. 163). É nesse período posterior que se descobre a finalidade destrutiva do sadismo, que aspira a aniquilar o Eu. Mais tarde, o sadismo se manifestará na possessão amorosa pelo desejo de dominar o objeto.

Observemos a retórica de Freud. Ele parte de um fenômeno clínico familiar, embora este tenha dado origem a teorias diferentes, para não dizer divergentes. Lança a hipótese da vinculação do sadismo com a pulsão de morte, apoiando-se nas intrincações e desintrações da pulsão sexual, “destino” do componente sádico da libido em sua forma perversa e em sua nova meta, a destruição, na nova óptica. Na verdade, essa meta é ditada pela perspectiva diacrônica: o sadismo da pulsão sexual é *expulso* da psique pelo desenvolvimento da libido narcísica. A preocupação de seguir os desenvolvimentos da libido sádica não destrutiva leva a evidenciar os primeiros efeitos da chamada pulsão de vida, que se coloca a serviço da defesa do Eu. Assim, o poder narcísico que se empenha em fazer a vida triunfar dedica-se, em suas posições iniciais, a impedir o Eu de mergulhar na destruição, sem o

2 As citações das Obras Completas de Freud foram traduzidas diretamente do francês. [N.T.]

que nenhuma estruturação psíquica seria possível. Essa abordagem antecipa aquela de 1925, em que a análise do mecanismo da negação leva a uma conclusão dupla: primeiro, a expulsão do que é ruim, estranho, odiado, e, paralelamente, a constituição de um Eu-prazer purificado.

O narcisismo é, portanto, o primeiro vencedor de um conflito que faz parte da guerra entre os gigantes pulsão de vida e pulsão de morte *em proveito das pulsões de vida*. É essa etapa que traz a hipótese da contraofensiva da pulsão de morte, que quer anular esse desequilíbrio introduzido pela pulsão de vida. Passamos, assim, historicamente de um narcisismo concebido de início como mortífero (as psicoses) a um narcisismo integrador de vida, o que justifica minha teoria de *dois* narcisismos, o de vida e o de morte.

Em suma, vemos que Freud tenta combinar a última teoria das pulsões, que parece implicar de certa maneira a simultaneidade e a concomitâncias das pulsões, com uma nova abordagem que tenta elucidar a sucessão entre as pulsões de morte (buscando o retorno ao estado anterior, antevital) e as pulsões da libido erótica (de surgimento mais recente). O narcisismo, assim, desempenha o papel fundamental de uma etapa em que se manifesta a primeira predominância de Eros. Lembramos que a construção do Eu só é possível com base em uma concepção do prazer “purificado”. Freud não explica em que sentido, mas compreendemos que o Eu precisa momentaneamente se purificar da tentação da destrutividade que desejaria retornar à não vida.

A esta altura, constatamos, então, a necessidade de formular o que vem primeiro e o que vem depois, de investigar o modo como pode se efetuar a passagem de um ao outro. As teorizações anteriores (pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, libido narcísica e libido objetal) limitavam-se a formular uma coexistência não unificada e a se basearem em uma forte intuição teórico-clínica.

Em 1920, sem deixar de assentar-se em uma base estrutural muito sólida, a última teoria das pulsões acrescenta uma dimensão que estava ausente nas abordagens anteriores, fundada na filogênese.

Examinaremos com maior profundidade as duas concepções, diacrônica e sincrônica, da ideia de pulsão de morte. A primeira, a preferida de Freud, consiste em imaginar como uma matéria originária (orgânica) inanimada é movida por uma força atuante ainda totalmente irrepresentável, isto é, pouco apta a ser chamada de pulsão de vida, sem uma maior precisão. O importante é o que se sucede: a tensão que sobrevém na substância em vias de “vitalização” é ameaçada por um retorno cujo objetivo é nivelá-la novamente, isto é, anular tal tensão, neutralizá-la³ *a fim de restabelecer o estado anterior de não vida*, de não tensão. Assim surge, segundo Freud, a primeira pulsão: “a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado”. Entendamos: a primeira pulsão não pode ser senão uma pulsão de morte. Em resumo, a pulsão *originária* é pulsão de morte. Essa visão se baseia, lembremo-nos, em uma hipótese filogenética.

A outra hipótese basal, não cronológica, propõe uma visão de simultaneidade; pulsões de morte e pulsões de vida coexistem desde o início; talvez, seja necessário acrescentar “no indivíduo”. Diríamos que a primeira visão é especulativa, ante-histórica ou pré-histórica e que a segunda é conceitual, baseada no equilíbrio da teoria, na ontogênese, deixando a pré-história com suas especulações, dando todo o peso à interpretação da clínica.

Freud prossegue em suas especulações: “Partimos da grande oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. O próprio amor objetal nos mostra uma segunda oposição assim, aquela entre o amor (ternura) e o ódio (agressão)” (Freud, 1920, p. 164).

3 Freud, *Standard Edition*, XVIII, p. 38: “endeavoured to cancel it out”. Prefere-se traduzir por “anular, eliminar, neutralizar, que nos parece diferente de “nivelar”, muito elíptico.

Ele constrói, hipoteticamente, a articulação dessas duas ordens de dados e anseia encontrar o elo que permite passar de uma à outra. Portanto, ainda aqui é a preocupação diacrônica que prevalece, mesmo na visão ontogenética.

E é nesse momento que o narcisismo vem em seu socorro. Queríamos explicar os raciocínios subjacentes a esse desenvolvimento, pois, até onde sabemos, isso não foi mencionado. Freud intenciona considerar o narcisismo como primeira ligação entre pulsão de morte e pulsão de vida. Mas, se examinarmos com certo distanciamento, a coerência de Freud é notável. É, no entanto, um percurso marcado pela obstinação. Primeiro, uma tal imprecisão que nada se pode distinguir (caos?). Em seguida, surgem os primeiros investimentos identificáveis (libido ligada ao corpo do sujeito, erotismo corporal – tempos “auto” – em uma primeira unificação etc.) Depois, constituição da etapa da primeira unificação: narcisismo propriamente dito, autoerotismo que se opõe ao desaparecimento do que é adquirido, mas que não consegue resistir ao tempo como tal. Sucede-lhe uma intervenção que viabiliza o investimento e a constituição do objeto. O efeito desse investimento é não só permitir a intervenção do objeto, mas também obrigar a estrutura psíquica a se mobilizar e a mostrar o que esconde em suas dobras, descortinando suas prioridades e sua meta final.

Freud diz tudo isso em duas frases. Sua primeira afirmação: a insuficiência de vida na matéria orgânica – o que, na verdade, não é muito diferente das considerações da biologia contemporânea.⁴ A segunda formulação elimina a tentação de regredir em relação ao desequilíbrio da vida, quando nada equivalente na ciência faz alusão a isso, a não ser aquilo a que chamamos de retorno do

4 Cf. Michel Cassé, “Le cosmos, conceptions et hypothèses”, em Morin (dir.), 1999, pp. 26-32. Também, as contribuições de Auguste Commeyras, Sébastien Balibar e Jean-Marc Lévy-Leblond no mesmo livro citado.

catastrofismo,⁵ que, no entanto, faz parte das peripécias da vida. Todavia, novos conceitos evocam isso.⁶ Por fim, a etapa clinicamente perceptível nas teorias sobre o narcisismo permite pensar as origens do Eu e seu destino em sua relação com o objeto.

Da compulsão (coerção)⁷ à repetição à reprodução originária

O narcisismo é uma pedra angular na construção da pulsão de morte. Desde 1914, Freud nunca deixou de mencioná-lo entre os problemas que foi levado a tratar. Em *Além do princípio de prazer*, o narcisismo continuou desempenhando um papel capital, embora, talvez, já começasse a sofrer um declínio e, nas elaborações futuras, estará cada vez menos presente. Entre *Recordar, repetir e elaborar* e *Além do princípio de prazer* transcorreram vários anos.

Mas vamos nos deter, por um momento, em *Recordar, repetir e elaborar*. Teríamos a tentação de acusar Freud de enviesar os fatos para encontrar apenas o que procura? Uma leitura cuidadosa desse texto desfaz completamente a tentação. Diante da descoberta da repetição, Freud não pensa inicialmente na pulsão de morte. Ele descortina simplesmente uma forma inesperada de resistência. Está longe de se apressar em concluir. No final do artigo, movido

5 Teoria, adaptada das conclusões do naturalista francês Georges Cuvier 1769-1832, que explica, pela ação de catástrofes da superfície da Terra, as diferentes formas de relevo. [N.T.]

6 Cf. as teorias do suicídio celular de Jean Claude Ameisen, neste livro.

7 A tradução corrente é “compulsão à repetição” [compulsion de répétition], mas, nas *Œuvres complètes* (PUF), optou-se por “coerção à repetição” [contrainte de répétition]. Ambas defensáveis, mas *compulsão* tem a vantagem de destacar seu parentesco com *pulsão*, enquanto *Zwang* marca a relação com a coerção [N.T.: ou coação].

por uma atitude nitidamente otimista, ele recomenda que o analista observe bem, estude essa forma de resistência e leve todo o tempo necessário – dando este tempo, também, ao analisando – para elaborar essa nova causa de estagnação da análise. É evidente que, no início, Freud vê nisso apenas um obstáculo superável. Sem dúvida, ele precisou de vários anos para se dar conta de que estava lidando com algo muito diferente do que havia previsto inicialmente. Talvez seja essa a razão para que tenham transcorrido seis anos até ele chegar à conclusão pessimista de que se tratava de um efeito da pulsão de morte. Portanto, não há nenhuma preconcepção ou petição de princípio.

Poderíamos pensar que Freud também tomou esse tempo para refletir sobre o assunto, embora nada indique isso num exame dos textos publicados entre 1914 e 1920. No entanto, durante esse período, vemos uma retomada da teoria no mais alto nível em *Ensaio de metapsicologia* (1915) e uma recapitulação do essencial, para o leitor leigo, em *Conferências introdutórias à psicanálise*. Até 1920, nada apontava para as ideias de *Além do princípio de prazer*. Foi, portanto, um avanço a partir de uma luz totalmente imprevista que o levou a uma nova ordenação dos conceitos norteadores. Em suma, um movimento “narcísico” que confere uma nova unidade aos elementos teóricos existentes.

Eu tenderia a atribuir um papel importante a dois acontecimentos. Em primeiro lugar, o grande massacre da Primeira Guerra Mundial, fonte inesgotável de reflexões que inspirou dois artigos⁸ muito interessantes de Freud, mas nos quais seria inútil procurar uma alusão à pulsão de morte. O segundo, quase contemporâneo ao primeiro, diz respeito ao pensamento clínico abalado pela análise do Homem dos Lobos.

8 “La désillusion causée par la guerre” e “Notre rapport à la mort” (Freud, 1915/1988).

Ensaio de Metapsicologia também se encerra em 1915, com *Luto e melancolia*, cujas hipóteses iniciais serão submetidas, em 1923, a uma reinterpretação mais diretamente relacionada à pulsão de morte. Além disso, depois de *Além do princípio de prazer*, Freud passa a expressar, com frequência cada vez maior, sua convicção de que o homem traz consigo um componente de ódio, um pendor para a agressão e a destruição, logo, para a crueldade.

Assim, a reflexão sobre a cultura e a reavaliação da clínica andavam de mãos dadas no pensamento de Freud, deixando-o cada vez mais inquieto. Essas questões exigiam respostas tão radicais que ele parecia, desde o início, temer afirmá-las de uma forma muito enfática, como se lhe trouxessem o risco de afastar vários de seus discípulos. Num primeiro momento, ele expressou seus pensamentos minimizando sua importância, dando-lhes um *status* de preferência pessoal que ninguém deveria se sentir obrigado a compartilhar, mas rumou, depois, para a afirmação de uma certeza que nada poderia abalar.

Talvez tenha sido para evitar a rejeição e a incompreensão que Freud recusou-se a abrir os olhos para a análise do Homem dos Lobos (entre 1910 e 1912, a primeira redação datando de março a maio de 1914). O caso deve tê-lo incomodado a ponto de cegar seu juízo. Tanto mais que, focado na cena primitiva e desejando vencer Jung, ele provavelmente subestimou o alcance de outras descobertas que o surpreenderam. Como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo, forçado a negar aquilo que o russo, um especialista em compulsão à repetição, possa lhe ter ensinado de novo. Posteriormente, Sergei Pankejeff pôde dar vários exemplos aos analistas que assumiram a sucessão de Freud. Eles não perceberam. E isso durou até sua morte. A peculiaridade de sua estrutura clínica escapou ao próprio Freud, que não conseguiu reconhecer que ela ilustrava uma variedade de organização masoquista que refletia uma

forma de reação terapêutica negativa. Freud poderia ter se perguntado, já naquele momento, sobre a influência que aquilo que ele estava formulando como pulsão de morte podia exercer nesse destino. Mas a fatalidade desviou os golpes destinados ao paciente, e foi sua esposa – a infeliz Teresa, sobre quem Freud se equivocou grosseiramente – que se matou sem dar sinal nem atrair a menor atenção para suas ligações com a patologia do analisando de Freud.

Além disso, a redação de *Além do princípio de prazer* é contemporânea de *O estranho*, em que Freud (1919) fez alusão, pela primeira vez depois de 1914, à pulsão de morte. Não se pode imaginar dois escritos mais diferentes um do outro que *O estranho*, cujo material é amplamente inspirado na língua e na literatura e baseado fortemente no narcisismo, e *Além do princípio de prazer*, que nos faz mergulhar no mistério das origens da vida e avança de forma especulativa, mas no qual descobrimos apenas uma alusão discreta ao narcisismo. Essas novas ideias, que dão a impressão de querer mover montanhas, revolver oceanos e abalar os alicerces do psiquismo em suas profundezas, abandonam todo e qualquer recurso à noção de representação, ao ponto de até mesmo deixarem de nos dar uma imagem equivalente que a substituísse. Em vão, *Além do princípio de prazer* testemunha a desilusão quanto à crença no prazer como guia da vida e da construção do mundo psíquico. Rebeca terá de tirar o vestido⁹ novamente, mas, desta feita, Freud quer ir ao essencial, ao mundo pulsional como tal e não aos “representantes” que permitem representá-lo.

Poderíamos nos limitar a apontar essas atitudes contraditórias ou destacar essas coincidências que demonstram um verdadeiro mal-estar durante esses anos. O que nos impede de fazê-lo, acima

9 Alusão ao abandono por Freud da teoria da sedução sob a forma popular e humorística que ele adotara: “Rebeca, tire o vestido, você não é mais noiva nenhuma” Cf. Freud (1887/1973b).

de tudo, é o firme propósito de Freud de não se contentar em lidar com esses problemas em níveis mais ou menos superficiais, por meio de uma reformulação teórica parcial. Provavelmente porque nenhuma solução nesse sentido o satisfizesse. Na verdade, o que ele anseia agora é uma reformulação que alcance os fundamentos da teoria, a única solução aceitável para Freud com o passar do tempo. No entanto, essas ideias de tamanha envergadura não parecem capazes de resolver os problemas que Freud encontra concernentes à técnica. É por esse motivo que ele parece preferir criar uma distração e esperar até que se sinta capaz de modificar a teoria imprimindo-lhe o novo sentido que deseja e, ao mesmo tempo, responder aos problemas da clínica. Assim, foi necessário esperar até 1923, com *O eu e o id*, para se ter uma visão geral da nova metapsicologia, que desemboca na criação da segunda tópica.

A menção à compulsão à repetição em *O estranho* e sua ausência na análise do Homem dos Lobos parecem fornecer duas indicações. A primeira é o fato de que Freud não “esqueceu” essa descoberta, que volta à tona em um texto. A segunda é que a omissão desta em um relato de caso detalhado parece supor alguma reserva em torná-la muito explícita antes de sua inclusão em um conjunto articulado. Veio então *O eu e o id*. Mais um período transcorreu até assistirmos ao coroamento de suas ideias com *O problema econômico do masoquismo*, em que o vemos decidido a afirmar suas hipóteses independentemente de quanto isso pudesse lhe custar. Coincidem, no ano de 1924, a resolução de Freud de afirmar suas ideias e os primeiros questionamentos aprofundados acerca da técnica psicanalítica (Ferenczi & Rank, 1924/1974).

Abre-se, então, o debate: os resultados insatisfatórios da análise dever-se-iam à técnica e à teoria de Freud ou àquilo que ele mesmo designou, um pouco mais tarde, como o papel dos obstáculos à cura, assinalando a influência deletéria da pulsão de morte, abertamente incriminada e responsabilizada? Sabemos o quanto

os analistas tiram proveito da ideia de que a pulsão de morte é culpada, para justificar sem maior custo suas próprias falhas e limitações. Em minha opinião, eles dificilmente conseguiram demonstrar ter algo melhor para oferecer.

E é provavelmente aqui que devemos buscar o enigma da resistência provocada pelo recurso à pulsão de morte, um dos axiomas da vida pulsional, de acordo com Freud. O que constitui tanto a força como a fragilidade desse pensamento é que ele se propõe ao mesmo tempo *physis* e *psyche*, *alétheia* e *origem*, *movimento* e *causa do movimento*, *gerador* e *produto da geração*, e *que só assim pode ser entendido*. Demasiadamente visionário para médicos e fisiologistas, demasiadamente impuro para os filósofos, carne e espírito ao mesmo tempo, Eu e Nós. E todas essas contradições precisam ser acolhidas, quando redescobertas pela escuta do paciente e pela leitura dos colegas.

Haverá quem me diga que tudo tem um limite e que a era dos grandes sistemas chegou ao fim. Por que não aceitamos nos contentar com o Ser, a Linguagem ou a Relação? Não podemos fazê-lo porque nenhum desses termos tem significado fora de sua relação com os outros, e que talvez também tenhamos deixado escapar.

Na verdade, caberia ressaltar que Freud não adicionou mais um sistema à série existente, mas criou outro sistema a partir do que os precedentes não poderiam abranger. Por causa desses objetos definidos por sua própria exclusão, Freud se apropriou dessas pretensas questões obscuras para sustentar um discurso diferente de qualquer outro. Não se trata, portanto, de uma posição antissistêmica, facilidade à qual ele se recusava, e sim de propor um sistema interessado naquilo que os outros deixavam de lado, acabando mais cedo ou mais tarde por gerar impasses. Talvez esses mesmos impasses lhe tenham servido de portas de acesso à solução teórico-clínica que tanto teve dificuldade de encontrar.

É por essa razão que *Além do princípio de prazer* marcou um momento fecundo cuja composição precisaria ser compreendida *a posteriori*, seu equilíbrio interno teria de ser examinado e seus eixos estruturais buscados, com a atenção voltada para a combinação híbrida entre eles, levantando-se a questão – que a pulsão de morte trazia inevitavelmente – dos riscos de um colapso teórico, sem que fosse possível imaginar o que poderia ser reivindicado em substituição. *Além do princípio de prazer* foi uma solução provisória, da qual *O eu e o id* foi a realização completa. *Além do princípio de prazer* é o *a priori* visto *a posteriori*. Assim, seremos aqui movidos pelo pensamento, descobrindo quase sempre *a posteriori* o sentido, a função, a necessidade do que tal pensamento já concebeu anteriormente. Sua “superação atual” nos fará recuar até os limites de um realismo artificial que mais nos imobiliza do que nos liberta, uma vez que se alicerça num solo movediço.

Esse pensamento que cava mais fundo ao avançar ou que avança ao desbravar seria inteiramente sem precedentes? Não. Mas o que nos surpreende é que não solucionaremos essa questão interrogando os conteúdos que vieram logo antes dela. Como vimos, praticamente nada prenuncia a pulsão de morte. Então? Uma especulação sem origem? É antes um reencontro com origens esquecidas, mas que agora ressurgem sob uma outra luz para anunciar uma conclusão tida, em muitos casos, como inadmissível.

Assim, o postulado ao qual Freud nunca deixou de ser fiel e que, no entanto, requer ser questionado engloba implicitamente a morte em seu discurso e esconde seu rosto em nome de uma paz da alma que só existe como desejo ilusório. A amizade de Freud com Wilhelm Fliess, diante da clara resistência deste, talvez tenha obrigado o inventor da psicanálise a se contentar com fórmulas menos incômodas do que aquelas do *Projeto para uma psicologia científica*. A ele Freud se manteve silenciosamente fiel por quase

quarenta anos (de 1895 a 1935). Faz-se necessário, por isso, voltar a esse texto.

Projeto para uma psicologia científica traz em sua introdução hipóteses que colocam em primeiro plano a ideia de que os processos psíquicos são quantitativamente determinados. A quantidade Q (quantidade externa) está sujeita às leis gerais do movimento. Um princípio fundamental diz respeito à atividade dos elementos constituintes da psique, um princípio que:

[...] prometia ser extremamente elucidativo, visto que parecia abranger toda a função [neuronal]. Esse é o princípio de inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q. A estrutura e o desenvolvimento, bem como as funções dos neurônios, devem ser compreendidos com base nisso. (Freud, 1895, p. 173)

O processo de descarga constitui a função primária do sistema nervoso. Esse funcionamento, contudo, não é compatível com as exigências da vida que, em certos casos, requerem uma retenção necessária ao funcionamento, por exemplo, a fome, a respiração, a sexualidade. “Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o nível de tensão a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Q suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica” (p. 174). Isso explica o “*esforço para manter a quantidade no mais baixo nível possível*” (p. 174, grifos meus), sem eliminá-la. Trata-se do efeito do princípio de constância, função secundária imposta pelas exigências da vida.

De modo ideal, se isso fosse possível, as “necessidades internas” visariam a uma descarga completa, semelhante à fuga na função primária. Mas isso não é possível, e o ideal terá de se contentar, na impossibilidade de alcançar uma inércia que tornaria o sistema

não estimulável, com uma constância que evitará os inconvenientes das variações de grande amplitude.¹⁰

Em termos mais correntes, a atividade neural é constituída por dois sistemas que obedecem a dois princípios. O primeiro, sujeito à função primária, possui a capacidade de descarga total, como sugere a atividade vital de relação do sistema nervoso central. Essa função é ativada toda vez que a atividade psíquica é confrontada com a necessidade de se livrar dos chamados estímulos nociceptivos, que supostamente revertem o sistema a um estado de não estimulação que lhe proporciona repouso. Porém, outro sistema acompanha o anterior: o denominado sistema autônomo (vegetativo), que não obedece ao mesmo princípio porque não possui a propriedade de se descarregar totalmente dos estímulos desagradáveis. Como esse sistema depende geralmente de outrem para reduzir a carga de estímulos que o coloca em estado de desprazer, e como a ação alheia não pode ser imediata, ele precisa suportar a tensão pelo menos durante algum tempo, mesmo que ela seja desagradável. Diferentemente do primeiro sistema, ele é regido pela função secundária, que torna indispensável a tolerância a algum estado de tensão até que esta possa ser descarregada mediante a ação específica realizada por outrem. É impressionante observar a analogia com as ideias atuais¹¹ de Gerald Edelman, que distingue o sistema do não si e o sistema do si (aos quais estão ligados os valores). Surge aqui um questionamento de suma importância, o postulado de identidade entre morte e repouso. Como aquilo que foi a justa busca por repouso se torna aspiração à morte? A pulsão

10 Realizamos um estudo exaustivo dessa questão em ocasião anterior (Green, 1983, pp. 84-89). O leitor interessado pode se reportar a esse estudo.

11 Cf. Edelman (1992, 2004), e também *Comment la matière devient conscience* (com efeito, o título original fala em “imaginação” – *A Universe of Consciousness: How Matter Becomes Imagination*), de Edelman e Totoní (2000).

de morte seria convocada para buscar o repouso ou para pôr fim ao ruído da vida?

Posteriormente à descoberta da psicanálise, Freud manteve um longo debate a respeito das relações entre o princípio de constância e o princípio de inércia. Mas aquilo a que continuava apegado, contudo, era a atividade que tem como meta eliminar a tensão interna produzida pelos estímulos. Isso explica, mais tarde, o renovado interesse pela questão, por intermédio de Barbara Low, cujo *princípio de Nirvana* retoma o tema do velho princípio de inércia de Freud e visa, também, à eliminação de qualquer tensão. Foi isso que Freud retomou em *Além do princípio de prazer*, concebendo, dessa vez explicitamente, a eliminação das tensões até alcançar morte, enquanto a união dos processos vitais aumenta o nível dessas tensões, cuja síntese precisa ser feita (final do Capítulo VI de *Além do princípio de prazer*). Assim é pavimentado o caminho que levará ao postulado da existência de pulsões de morte, em 1920. Para Freud, contudo, a pulsão de morte é a *primeira pulsão*, aquela que buscaria eliminar as tensões oriundas da introdução da vida na matéria inerte. A união de duas células ligadas pela “vida”, isto é, a reprodução, continua sendo o modelo e resultará na ideia de pulsão de vida, uma vez que a sexualidade não é suficiente para responder a suas indagações.¹²

Em suma, a necessidade de ligação suplanta a busca de prazer. Se a pulsão sempre deve restabelecer um estado anterior, o que pensar do estado mais originário da vida que não foi aniquilado pelo retorno ao estado inanimado? Freud fez a passagem da noção de repetição para um termo considerado como equivalente: a reprodução. Assim, sua reflexão o levou a considerar um fenômeno que não encontra nenhum correspondente na vida psíquica

12 Freud relaciona o mito platônico ao dos upanixades, e depois aos seus equivalentes babilônicos.

de um indivíduo. A dimensão clínica é abandonada em favor de uma especulação biológica sem qualquer substrato no que chamamos de vida mental. O mito (Platão), aqui, nos diz mais do que a reflexão, talvez, pois se autoriza a abordar o que o pensamento filosófico não se permite. Deve-se relacionar isso com o preconceito de uma ficção eloquente, ou será a própria racionalidade que esconde em suas pregas os interditos de pensamento porque ainda não encontrou as ferramentas intelectuais necessárias para tratar a questão conceitualmente? Seria um caso particular da figurabilidade (Botella & Botella, 2001)?

Mas será que há tanta certeza de que nossa aspiração ao repouso é levada a tais extremos? Decerto, desde suas origens, a psicanálise encontrou essas orientações. E, *a posteriori*, o que é o recalque senão isso?¹³

Assim como Hamlet se pergunta “*To sleep, perchance to dream*”, diremos junto com ele: recalcar, mas como enfrentar o retorno do recalcado, pois quem pode prever o que ele será e como estaremos armados para enfrentá-lo? Essa paz tão arduamente alcançada enfrentaria o retorno de qual guerra? E quem pode afirmar que dela sairíamos realmente vencedores? Dispomos, sem dúvida, de uma grande reserva de racionalizações de pouca utilidade.

A repetição tornou-se a repetição de um modelo, o dos primórdios da origem da vida. Agora, a reflexão passa a se concentrar nas relações de ligação e desligamento, conceitos menos discutíveis, e nos motivos da impossível regressão até a morte. Não há clínica sem metapsicologia; não há metapsicologia sem identificação do que escapa totalmente à apreensão pela psicologia. Tudo aquilo

13 Cordelia Schmidt-Hellereau encontra no *Lete* (o rio do esquecimento) a metáfora da pulsão de morte. Não podemos concordar com essa hipótese que se presta à confusão, a nosso ver, entre recalque e pulsão de destruição. Cf. Schmidt-Hellereau (2000).

que está relacionado de perto ou de longe com a observação direta não tem nada a dizer a respeito. Nada é mais difícil do que a observação desses princípios, porque a experiência da transferência, fundamento do pensamento clínico, dificilmente resiste à sedução de um fato observável, esquecendo-se de que esse fato precisa ter sido concebido antes para depois ser pensável e observável.

A sexualidade e a morte são as duas invenções da espécie. Não é Freud quem diz isso, é François Jacob. Assim, o passo a ser dado na teoria psicanalítica consiste em passar da sexualidade a Eros (pulsões de vida ou de amor) e da morte à pulsão de morte.

Como sabemos, o que interessa ao psicanalista é a psicosssexualidade. Mas em que consiste essa “psico” que designa o objeto do psicanalista? Em outras palavras, como a sexualidade do biólogo adota as características que a tornam psicosssexualidade, isto é, sexualidade humana? Quanto à morte, até então nada destinava a psicanálise a levantar o mesmo problema. Freud havia deixado a filosofia tratar da morte, porém, eis que muda de ideia e retoma o que pensa lhe caber com a especulação da pulsão de morte. E para quem for absolutamente refratário ao assunto, convém refletir sobre o que diz respeito à morte na vida.

Então, já que apostamos no mito como ficção daquilo que é impensável pela razão, vamos extrair do texto freudiano o mito que nos auxiliará a pensar o impensável, reservando-nos o direito de desmantelá-lo em seguida, esperando alcançar maior clareza.

A montagem escamoteável do narcisismo

Em livro anterior, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, assinalamos a singularidade do narcisismo na teoria. Ele ocupa um lugar que vai de uma ideia não teorizada à sua plena teorização em 1915,



O que conduz a humanidade a se matar e a se autodestruir? Este livro apresenta a introdução e o desenvolvimento do polêmico conceito de “pulsão de morte”, desde a obra de Freud, de 1920 a 1938, até as principais contribuições de autores clássicos e pós-freudianos, como Ferenczi, Klein, Bion, Winnicott, Lacan etc. Lançando luz sobre fenômenos e estruturas não neuróticas (anorexia, bulimia, depressão, suicídio, comportamento criminoso), o texto visa oferecer uma nova perspectiva sobre a relação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-082-9

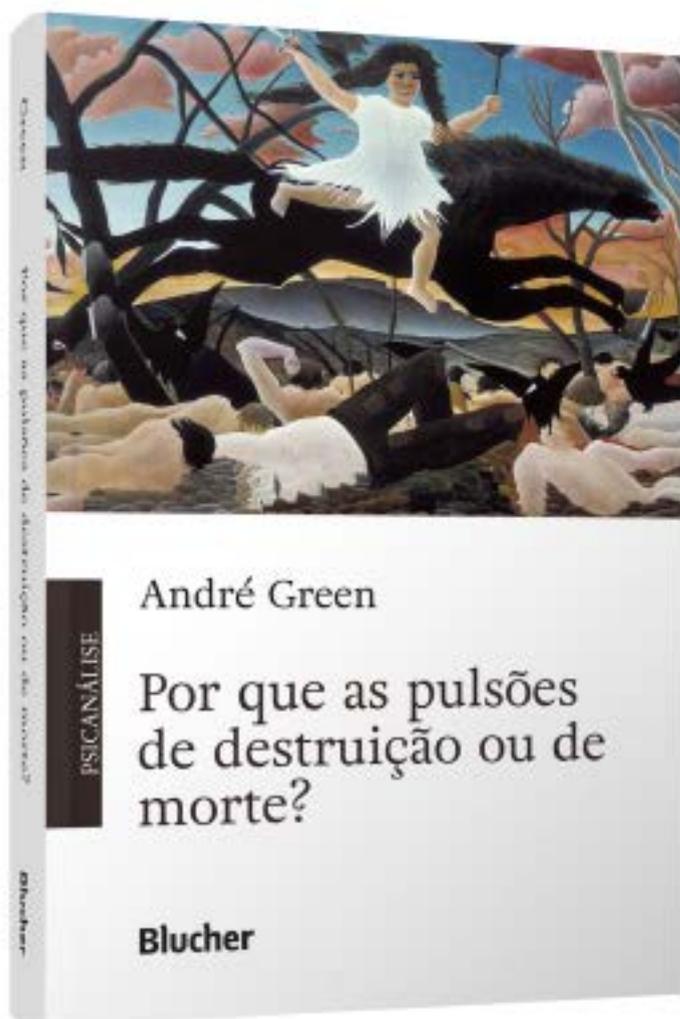


9 786555 060829



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Por Que as Pulsões de Destruição ou de Morte?

André Green

ISBN: 9786555060829

Páginas: 170

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
